

AFROS & AMAZÔNICOS



APRESENTAÇÃO

Há 15 anos atrás, num encontro da UNESCO, um professor de Salvador questionou o uso do termo afro-amazônicos. Passamos anos pensando e discutindo isso. Será que não estaríamos exagerando? Mas daí observamos o emprego de termos correlatos como afro-cariocas, afro-paulistas, afro-caribenhos e muitos outros grupos com as mais diferentes práticas na Bolívia, no Peru, no Pará, em Rondônia e no Maranhão. Concluímos que o termo realmente é válido e se justifica.

Não somos baianos e nem cariocas ou mineiros. Somos amazônicos e temos laços dos mais fortes com os indígenas, sem perdemos essa ou aquela identidade, fomos chamados *Kaburés*. Nossos deuses, embora sejam publicamente alinhados com a cultura cristã ocidental, são também inegavelmente africanos e indígenas na sua essência e práticas cotidianas. A nossa alimentação também é diferenciada. Até a nossa linguagem sofreu alterações e os acréscimos de outras línguas indígenas como dos troncos linguísticos Tupi e Aruak, mas também das famílias Arawá, Pano, Txapacura..., sem falar da Língua Geral Amazônica, o Nheengatu, que é falada em várias partes da Amazônia. Daí que sim, somos diferentes, somos afro-amazônicos e com as demais contribuições somos afros e amazônicos, pois as influências têm mãos duplas; seguem para lá e para cá.

Hoje, portanto, essa discussão está sólida e madura. Mas em 2004, quando um grupo um grupo de pesquisadores e estudantes passou a se reunir periodicamente para discutir a presença afro na Amazônia, um questionamento dessa natureza ainda poderia abalar. Estávamos acostumados, pela tradição, a não pensar a presença afro na Amazônia. O Grupo de Estudos e Pes-

quisas Interdisciplinares Afro-Amazônicos (GEPIAA), hoje *Afro e Amazônicos*, nesse sentido, trouxe uma contribuição fundamental, com várias publicações sobre o tema. Além dos artigos individuais, pesquisas de mestrado e doutorado, o GEPIAA publicou três volumes impressos de uma série conhecida como Afros e Amazônicos.

Agora, alcançada a maturidade com a experiência dessas publicações, o GEPIAA coloca ao acesso da comunidade acadêmica e da sociedade em geral a revista online de acesso livre **Afros & Amazônicos**. A revista está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia (PPGHAm) e ao Programa de Pós-Graduação de Direitos Humanos e Exercício da Justiça (DHJUS) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Afros & Amazônicos tem como missão publicar artigos científicos originais de Mestres e Doutores em História e áreas afins. Como um espaço de discussão e divulgação de pesquisa, também acolhe resenhas e outras formas de representações sociais, culturais, étnicas e históricas. Os objetivos da revista são: 1) Publicar estudos científicos em História e áreas afins sobre as populações afro-amazônicas em relação ao seu desenvolvimento, etnicidade, territorialidade, sustentabilidade, educação, saúde e cultura; 2) Publicar estudos científicos em História e áreas afins sobre os povos indígenas na Amazônia a partir de uma perspectiva interdisciplinar valorizando a oralidade e a etnografia como categorias de fontes históricas privilegiadas para a discussão da história indígena; 3) Disponibilizar um espaço social para o debate histórico-científico sobre questões de dominação e resistência, racismo, gênero, cotas sociais, etnicidade, territorialidade, cultura, educação, diversidade, religiosidades e religiões no espaço amazônico; 4) Colecionar e publicar documentos históri-



cos referentes às populações amazônicas, o que inclui diversas formas de representações sociais, culturais, étnicas, históricas e artísticas.

Seguindo esses objetivos, a revista tem um formato de três sessões: na primeira, serão publicados artigos acadêmicos; na segunda, resenhas de obras raras ou novas; e na terceira, o que temos chamado de documentos históricos. Em todas essas sessões, os artigos, as resenhas e os documentos históricos, embora possam ser abordados interdisciplinarmente, devem estar vinculados aos temas da Diáspora Africana e da História Indígena de modo geral; ou seja, estudos sobre as sociedades africanas e indígenas em diversos espaços e recortes temporais.

Para este primeiro volume, O GEPIAA optou por colocar ao alcance do público alguns artigos já consolidados e publicados nos três volumes impressos. Nossa intenção é torná-los acessíveis aos pesquisadores, estudantes e público em geral, já que a impressão está limitada ao alcance do suporte físico. A versão online de acesso livre e gratuito, nesse sentido, possibilita alcançar um público muito maior e, dessa forma, contribuir mais ainda para a discussão das questões afro e amazônicas.

A história nunca foi construída por deuses piedosos e amorosos com seus filhos. Como em famílias degradadas, parece ter sempre escolhido seus preferidos e lançado maldições sobre os demais. Coube aos demais buscar outros deuses, outras crenças e outra fé. Coube a eles, com bambus, vencerem bombas e enfrentarem ameaças de genocídios e etnocídio; coube a eles empreenderem resistências e formas de adaptação à dominação e à exploração e à espoliação.

Dessa forma, este primeiro número é uma prévia de tudo o que iremos tratar e trataremos com sua colaboração: crises socioambientais e humanas, diversidade cultural, racismos, genocídios, políticas de governo de extermínios populacionais, reorganizações territoriais e espaciais, mul-

tiplicidades de mentalidades, espacialidades e mentalidades.

Na sessão artigos, a primeira publicação da revista tem o prazer de trazer 11 artigos de pesquisadores nacional e internacionalmente respeitados na área pelos seus conhecimentos. O primeiro artigo, de autoria de Marco Antônio Domingues Teixeira, professor de História, versa sobre a constituição do Quilombo de Jesus, situado no Vale do rio São Miguel, afluente do Guaporé, divisa com a Bolívia.

O segundo artigo, de autoria de Emmanuel de Almeida Farias Júnior, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), aborda as questões identitárias das comunidades de remanescentes de quilombo do Tambor no Parque Nacional do Jaú e os conflitos socioambientais ocasionados pelas questões referentes à sua territorialidade.

O terceiro artigo, de autoria do professor Everaldo Lins de Santana, aborda a presença dos negros no município de Rolim de Moura em Rondônia. É uma tentativa de citar a contribuição do negro, dos afrodescendentes na construção desse município e refletir sobre a invisibilidade desses descendentes, além de repensar, de questionar a dita “democracia racial” e chamar a atenção dos próprios negros para a necessidade de se ter consciência de sua própria negritude.

O quarto artigo, de autoria da mãe de santo Wilma Inês França Araújo e do professor Marco Antônio Domingues Teixeira é uma coletânea de memórias e narrativas feitas em primeira pessoa por uma das mais influentes Yalorixás de Porto Velho Wilma de Oyá. Sua Memória abrange toda a segunda metade do século XX, mas suas amizades com os mais antigos estendem sua narrativa aos tempos do Tambor de Mina.

O quinto artigo, de autoria do professor Kary Jean Falcão, aborda a resistência religiosa nas casas de terreiros de cultos africanos frente às intolerâncias religiosas



e as demais formas de repressão da cultura africana que contribuem para a desvalorização de tudo que se refere à cultura negra.

O sexto artigo, de autoria do professor Hélder Rodrigues Maiunga, tem como objetivo fazer uma reflexão sobre os jogos tradicionais na província Huíla em Angola. Essa reflexão conclui que os jogos tradicionais colocam as crianças em situações reais nas quais se vêm confrontadas com a necessidade extrema de resolver problemas individuais de espaço, tempo e com o próprio corpo, do mesmo modo em que se interpõem na resolução de problemas umas com as outras, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração, ensinando-a a agir corretamente em uma determinada situação, estimulando sua capacidade de discernimento.

Já o sétimo artigo, de autoria das professoras Eliane Auxiliadora Pereira e Marlova Giuliani Garcia, tem como temática de discussão a Lei n.º 10.639/03 e a questão prática da organização curricular escolar.

O oitavo e o nono artigos tratam das questões relacionadas mais diretamente aos povos indígenas. O oitavo, de autoria do professor Alécio Valois Pereira Araújo, aborda a educação escolar indígena karitiana. Nesse artigo, o autor levanta a questão se a educação escolar constitui-se numa agência de fortalecimento das culturas e das etnicidades específicas ou se é mais uma forma de subordinação de um povo indígena. O nono, de autoria da professora Gracilene Nunes da Silva, trata dos ritos de passagem do povo indígena Karitiana. Através dos discursos dos colaboradores dessa etnia, o artigo traça reflexões sobre o modo de vida dessa comunidade indígena diante dos desafios da modernidade e da globalização.

Os dois últimos artigos, por sua vez, versam sobre questões linguísticas. O décimo, de autoria do professor Daniel Mutombo Huta-Mukana e do professor Marco Antônio Domingues Teixeira, escrito em

espanhol, toma a questão da oralidade como fonte viável e necessária para a historiografia africana.

Já o décimo primeiro e último artigo deste volume, elaborado em três mãos pela professora Geralda de Lima Vitor Angenot, pelo professor Gustavo Gurgel do Amaral e pela professora Carmita Gomez Flores, busca entender como funcionam, na prática, as estruturas morfológicas dos verbos proto-bantus.

Excepcionalmente neste número, não teremos resenhas. Na sessão documentos históricos, por sua vez, a revista traz um documento de valor inestimável para a historiografia regional, uma Carta de Manoel Urbano sobre os Costumes e Crenças dos Índios do Purus datada de 1882.

Por fim, temos que reafirmar o nosso compromisso e esperança de que a revista Afros & Amazônicos se torne um espaço de debates acadêmicos socialmente engajados de forma a unir dialeticamente a Teoria com a Prática. Nosso objetivo, enquanto professores, professoras, pesquisadores e pesquisadoras do GEPIAA, é contribuir para a construção de um mundo melhor para todos. Não é mais possível um mundo de abismos com fiordes de riquezas para uns e oceanos de misérias para outros. Assim Afros & Amazônicos vem propor um espaço para tais discussões. Queremos convidar os pesquisadores e as pesquisadoras para contribuírem com os demais números da revista.

Obrigado e boa leitura!

Assinam os Editores.